

## Jacobina: a líder dos Muckers

Por Elma Sant'Ana\*

### Resumo:

Jacobina foi uma mulher à frente de seu tempo. Sua biografia revela uma mulher forte e persistente na liderança político-religiosa e, ao mesmo tempo, uma mãe zelosa. Tentando evitar uma interpretação de caráter meramente inquisitório ou apologético, o presente texto apresenta um retrato de Jacobina, enfocando dois aspectos específicos: dados de sua biografia particular e do seu estado de saúde, este um dos temas mais controversos da pesquisa sobre os Muckers. Uma introdução e uma conclusão amplas inserem no texto dados sobre o movimento como um todo.

### Introdução:

Feiticeira? Charlatã? Doente? Curandeira? A encarnação feminina de Cristo? Jacobina Mentz Maurer foi chamada de tudo. Não custava ser chamada também de prostituta. Jacobina foi o centro do episódio conhecido como os Muckers, acontecido no Morro do Ferrabrás, em Sapiranga, RS. O final, em 1874, foi trágico, com algumas dezenas de mortos. Aproximadamente 150 colonos alemães, isolados, acreditando no fim do mundo, foram atacados pelo Exército e por outros colonos incentivados pela Igreja e pela imprensa. Reagiram com violência.

Não se pretende fazer a defesa de Jacobina Mentz Maurer, essa colona de origem alemã, nascida em Hamburgo Velho, afamada pelo episódio dos Muckers do Ferrabrás.

---

\* Elma Sant'Ana é geógrafa, pós-graduada em folclore, atualmente coordenadora do Instituto Anita Garibaldi. Tem inúmeras publicações sobre história do Rio Grande do Sul. Seu livro mais recente, do qual retirou elementos para compor esse texto, é Jacobina, a líder dos Muckers, editado pela AGE, em Porto Alegre, RS, em 2001.

Jacobina ordenou a violência, é certo. Talvez não fosse uma mãe modelo, nem uma mulher dedicada ao marido, como seria normal esperar-se no meio em que vivia. Mas Jacobina não foi uma mulher comum para sua época. Hoje seria, quem sabe, uma médium, uma umbandista bem-sucedida, como imagina Antonio Augusto Fagundes, em seu livro *As Santas Prostitutas*, sobre as devoções populares.

O certo é que seus transe espirituais, nos dias de hoje remetidos ao campo da parapsicologia, foram interpretados à época como sinais de Deus apontando um novo caminho, o que desagradou muita gente a sua volta, principalmente as autoridades constituídas, para quem o poder de Jacobina sobre aqueles rebeldes Muckers ameaçava a ordem social. (Enviaram-se soldados bem armados para combater os colonos do Ferrabrás, que eram aproximadamente 150, entre homens, mulheres e crianças).

A violência não demorou para instalar o ódio na região de Sapiranga. E o desfecho não poderia ser outro que não as crueldades do dia dois de agosto de 1874.

“Onde é derramado sangue e onde as vítimas são tratadas com injustiça, surgem, e terão que surgir, movimentos que por muito tempo agitarão o povo. Assim, surgiram com quase todas as religiões: sangue e injustiça são os promotores de grandes acontecimentos sobre os quais a historiografia terá que escrever um dia”, diz Hunsche. E assim, o último livro sobre os Muckers ainda não foi escrito. A problemática não está esgotada. O que foi escrito até agora, sempre ou quase sempre, excetuando-se Moacyr Domingues, os demais o fazem com uma intenção: são *engagé* (engajados), e a historiografia pede a verdade, unicamente a verdade.

“Ambrósio Schupp escreveu sua história sobre os Muckers com o fito de dizer aos seus fiéis: é isso que acontece quando a gente lê a Bíblia!”

Leopoldo Petry foi informado por parte da mãe dele que os Muckers eram pessoas boas. Apesar de ser católico, ele começou a lutar pela justiça dos Muckers e ultrapassou um pouco ou bastante o limite histórico, fazendo deles uma espécie de gente boa. Eles não foram

uma gente boa, mas também não foram aquilo que está nos livros em geral. Simplesmente, devem ser melhor estudados.<sup>1</sup>

“Os Muckers eram trabalhadores. Pertenciam ao grupo as famílias mais respeitáveis, mais religiosas, mais abastadas. Portanto, não é verdade o que se tem afirmado de que seria um bando de criminosos, um movimento comunista ou um movimento religioso.”

“Este grupo esforçou-se por um cristianismo sem ostentação e tornou-se, assim, a consciência ambulante para os fariseus, para os justiceiros. Eles viram lá o que os padres e pastores não viram”, conclui Hunsche.

Nos tempos recentes tem se procurado, com a versão dos vitoriosos suficientemente conhecida, resgatar o outro lado da história. É o que se almeja aqui, onde se procura ajudar a entender Jacobina. Não se comete a imprudência de afirmar que obtivemos uma visão perfeitamente imparcial. A minha condição de mulher naturalmente pesa na interpretação de uma outra figura feminina, tão controvertida quanto Jacobina. Como deixar de ver na acusada sua missão de mãe, por exemplo, às voltas com uma maternidade que lhe significou seis filhos em oito escassos anos? Como deixar de flagrar sinais inequívocos de corriqueira puberdade quando a História descobre os primeiros indícios de seus problemas psicológicos aos doze anos? Como deixar de comover-se com a mulher que, coagida por ter assumido seu papel de líder, separa-se de seus filhos, desconhecendo o rumo por eles tomado? De todo modo, procurou-se aqui não incorrer em erros que tanto têm deformado a visão desse evento social.

---

<sup>1</sup> Carlos Henrique Hunsche, um dos maiores pesquisadores sobre os Muckers. Nasceu a 25 de julho de 1913 em São Sebastião do Caí, RS. Autor de numerosos trabalhos, principalmente genealógicos e referentes à imigração e colonização alemã no sul Brasil. Cadeira nº 5 do Instituto Histórico de São Leopoldo. Faleceu em 14 de março de 1986, na Áustria.

## Biografia de Jacobina e roteiro do episódio Mucker

Nome: Jacobina Mentz Maurer

Nascimento: junho de 1841 ou 1842. Nasce em Hamburgo Velho, RS. Filha de André Mentz e Maria Elizabeth Müller. Ambos alemães.

Profissão: dona de casa.

4 de abril de 1854: É crismada em Hamburgo Velho.

Aos nove anos, perde seu pai. Passa a sofrer influência de sua mãe, uma mulher muito religiosa e de princípios rígidos. Aos doze anos, começam seus “estranhos ataques”. Na escola, passa por aluna de difícil percepção. Doutor Hillebrand aconselha a família que procure, “o quanto antes”, um casamento para Jacobina.

26 de abril de 1866: Casa com o carpinteiro João Jorge Maurer, descrito como um homem insinuante, boa índole, de trato amável. O casamento é realizado em Hamburgo Velho.

1867: Nascimento de seu primeiro filho, Jacob, que desaparece das cenas do Ferrabrás e ressurge em registros de 1920, em Uruguaiana, como eficiente pregador da Igreja Adventista do Sétimo Dia e carpinteiro, como o pai. Jacobina adoece de repente. Fica muda e alheia a tudo. No segundo semestre, mudam-se para Ferrabrás, cenário dos acontecimentos do episódio conhecido como Mucker.

1868: Nascimento de seu segundo filho, Henrique. Aparecimento de Buchorn, que ensina Maurer a praticar o curandeirismo, o que o tornará famoso. São atraídos os primeiros seguidores da seita, mas não despertam mais que olhares atravessados dos católicos, dos comerciantes e das autoridades. Maurer passa a ser considerado o *Wunderdokter*, ou seja, o Doutor Maravilhoso.

1869: Nascimento de seu terceiro filho: Francisco Carlos.

1870: Nascimento de sua quarta criança: Matilde.

1871: Por essa ocasião, aparece um opúsculo sobre sonambulismo na zona rural do Estado. Identificam Jacobina como vidente e curandeira, devido ao seu estado de sonambulismo, e, como tal, sabedora de segredos desconhecidos aos demais mortais. Aumenta o número de curiosos na casa dos Maurer.

1872: Nascimento de sua filha Aurélia. Quando sua mãe foi assassinada no Ferrabrás, tinha dois anos e três meses. Vinte e três anos depois, surge referência a Aurélia. Casada com Miguel Nöe, filho de um Mucker convicto e autor de importantes memórias. Aurélia, aparentemente era médium, como sua mãe. No final desse ano, os Muckers começam a ser pressionados. Abanam escolas, igrejas. Começa a ascensão de Jacobina.

1873: Declínio da influência do curandeiro Maurer.

Jacobina escreve, pela mão de Klein, para seu irmão Francisco. Franz, como era chamado, era o único irmão que não pertencia à seita. A partir de maio, Jacobina e alguns Muckers abandonam as igrejas.

21 de maio de 1873: Maurer é enviado a Porto Alegre, preso, depois de prestar depoimento.

22 de maio de 1873: Jacobina é levada para São Leopoldo, presa, por uma escolta de oito praças, em uma carreta. A viagem durou nove horas. Foi insultada, exposta ao público.

23 de maio de 1873: Jacobina responde a interrogatório do chefe de polícia, revelando inteligência e sagacidade.

24 de maio de 1873: Jacobina é internada na Santa Casa de Porto Alegre. O chefe de polícia ordena uma busca na casa dos Maurer.

13 de junho de 1873: Alta de Jacobina, sendo constatado que não portava nenhuma enfermidade.

05 de julho de 1873: Jacobina e o marido são mandados para São Leopoldo. João Jorge assina um “termo de bem viver”. Voltam para o Ferrabrás como heróis.

Final de 1873: Viagem de Maurer ao Rio de Janeiro. Rodolf Sehn ocupa o lugar de receptáculo das mensagens de Jacobina.

1874: Ascensão de Rodolfo Sehn. Nascimento de Leidard, no mês de maio, sexta e última criança de Jacobina. Jacobina envia uma carta pela mão de Klein, a Lúcio Schreiner, querendo saber notícias da ausência de seu marido. Chacina da família Kassel em quinze de junho. Martinho Kassel, ex-Mucker, agora é ativo propagandista anti-Mucker. Recorre à polícia. Sua casa é incendiada com a mulher e os filhos.

A violência explode na colônia. Klein é preso e enviado a Porto Alegre. Crimes são praticados em Campo Bom e Sapiranga. São incendiadas casas na Picada do Hortêncio e em Linha Nova. Antes do último combate, Maurer se despede de Jacobina. Jacobina pede que lhe escrevam uma carta, na qual diz onde deveriam ficar seus cinco filhos e com quem. Leidard, cuja morte é controvertida, permanece com ela.

19 de julho de 1874: capturados os cinco filhos de Jacobina. Combate no Ferrabrás.

20 de julho de 1874: Morre o Coronel Genuíno Sampaio. Comandava as poderosas forças militares inimigas dos Muckers. Assume o comando repressor o Capitão Dantas, do 12º Batalhão de Infantaria.

02 de agosto de 1874: morre Jacobina, com mais dezesseis adeptos.

## A saúde de Jacobina

“Ela é uma bruxa, uma feiticeira! Ela é uma prostituta, uma sedutora de homens, uma mulher desregrada, uma embusteira religiosa.”

Jacobina foi acusada praticamente de todos os vícios de uma mulher ruim, ao longo desses anos que separam os episódios dos Muckers dos dias atuais. Não faltariam acusações em torno de sua sexualidade, de sua fidelidade conjugal e mesmo de sua capacidade materna.

“Quando criança, nas noites frias em Santa Maria do Mundo Novo, buscando silêncio, implantando o medo, minha mãe repetia sempre a mesma cantilena ao pé da cama:

- Pass Dich uff! Sei Ruhig, sonst komme die `Muckers` Dich hole!”

(Cuidado! Fica bem quietinho, senão os `Muckers` vêm te buscar!)

Erni Guilherme Engelmann, empresário em Igrejinha, RS, pesquisador e autor do projeto “A Saga dos Alemães - Do Hunsrück para Santa Maria do Novo”

Com um pouco de atenção e cuidado, é possível ir destruindo todas as versões fantasiosas que a mitificaram tanto. Por exemplo: consta no livro quatro, página oito, com número de ordem 262, na Matrícula Geral de Enfermos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, que não foi constatada nenhuma enfermidade na paciente Jacobina Maurer, ali internada no período de 24 de maio a 13 de junho de 1873. Tinha-se até pouco tempo outra versão sobre a saúde de Jacobina. Baseava-se principalmente no depoimento de seu cunhado João Jorge Klein: “... em sua meninice era uma criança doentia, muito disposta a chorar. Aprendia pouco e com dificuldades e sofria de insônia. Agitada durante as noites com sonhos, sofria de convulsões que faziam acreditar em manifestações epilépticas. As esperanças de melhora nesse estado de saúde com o decorrer do tempo não se realizaram. A moléstia aumentou e Jacobina jazia muitas vezes sem sentidos, abaixo de convulsões,

pronunciando palavras sem nexos. Consultando o médico João Daniel Hillebrand, este aconselhou procurar o quanto antes um casamento para a mocinha”.

Hillebrand, no entanto, não se limitava à receita do matrimônio. “A conformação craniana de Jacobina Maurer”, escreveu Klein em seu depoimento, “e de muitos parentes pelo lado materno, denotava, desde a mais tenra infância, disposição para o cretinismo e idiotia. Essas duas anormalidades manifestavam-se em tantos graus e variações como os indivíduos que dela são atacados. A predisposição para as mesmas é inata. A caixa craniana de Jacobina e de grande número de parentes seus era relativamente de pequenas dimensões e as fontanelas se fechavam na mais tenra idade”. Dizia mais: “O crânio demasiadamente reduzido em suas dimensões comprime a massa encefálica sempre irritada e em agitação, causando certas moléstias parecidas com convulsões, epilepsia e moléstias nervosas, que despertam no paciente desejo de suicídio”.

Internada por vinte dias na Santa Casa de Porto Alegre, nenhum desses males foi sequer vislumbrado, conforme documento fornecido por aquela instituição em 13 de setembro de 1984. Posteriormente, registrei flagrante rasura no internamento de Jacobina Maurer na Santa Casa. No livro de assentamento onde estava escrito *não consta* (referindo-se ao seu internamento), a palavra *não* foi apagada, no referido livro, após minha pesquisa na Santa Casa.

Mais recentemente, Carlos Hunsche traça um novo perfil da Profetiza do Ferrabrás, que deixa de lado a epilepsia, a catalepsia e o histerismo como causas dos tranSES que ela sofria. Nele, Jacobina aparece como uma mulher com percepções extrasensoriais, enquadradas hoje dentro do campo da parapsicologia, em que faculdades aparentemente sobrenaturais são explicadas como fenômenos da mente humana. Os poderes divinos para os adeptos eram provavelmente iguais aos de Zé Arigó, o famoso médium de Congonhas do Campo (Minas Gerais). De início Jacobina usava seus dons paranormais para curar, junto com o marido. Envoltos pela própria fama de santidade, não resistiu à tentação do misticismo. Seu erro foi

interpretar a Bíblia, abuso imperdoável aos inflexíveis pastores e padres. Enquanto a cura era do corpo, a acusação foi apenas de charlatanismo, e, quando passou a ser da alma também, de sacrilégio. O fanatismo de parte a parte exigiu violência e, por fim, o martírio dos hereges.

Nesta mesma direção, Antonio Augusto Fagundes, em seu livro sobre as *Santas Prostitutas* (devoções populares), analisa o episódio Mucker dando enfoque especial a Jacobina, que no seu parecer, “nos dias atuais, seria uma bem-sucedida mãe-de-santo na umbanda ou no batuque. À época, porém, fruto de um contexto social desfavorável sem condições de cooptar ou absorver o fenômeno que se obrigava a gerar sua estratégia de sobrevivência, Jacobina foi tomada por profetiza e encarnou todas as qualidades idealizadas pelo grupo. Como sabia ler, ainda que precariamente e em alemão, passou a interpretar a Bíblia, dizendo o que o grupo queria ou precisava ouvir”.

## Conclusão

Parece bastante válido o que Antonio Augusto Fagundes afirmou respeito das causas que determinaram e eclosão do movimento, bem como a repressão que se lhes seguiu: “Estigmatizados pelo meio circundante, os adeptos de Jacobina passaram a ser chamados de Muckers. E reagiram enquistando-se, rompendo com o meio, vivendo para dentro, endogenamente, bastando-se a si próprios. Como todos os movimentos messiânicos, os Muckers romperam com o poder e isso lhes foi fatal”.

De uma forma ou outra, parece que ainda hoje, para quem passa de automóvel pela moderna estrada que vai de Novo Hamburgo a Taquara, o morro do Ferrabrás é um sombrio monumento de granito povoado de fantasmas em memória dos Muckers.

Mas este trabalho visou, antes de mais nada, destacar com luz própria, num contexto de sombras, a figura carismática de Jacobina Mentz Maurer, que, graças às suas qualidades e aptidões especiais, emergiu fulgurantemente em seu meio, sobrepondo-se a si e ao próprio meio.

Claro que joga um papel importante no mito que se criou em torno dos Muckers e de Jacobina o fato de João Jorge Maurer ser carpinteiro e fazer curas maravilhosas, como o Nazareno. E carpinteiro e pregador foi também seu filho mais velho, Jacob. Certamente também a “mediunidade” de Jacobina - herdada por sua filha Aurélia - foi importante, como importante foi o fato de Jacobina ter sido martirizada aos 33 anos de idade, como Cristo.

Muitos fatores colaboraram para isso e já foram teorizados por autores que se ocuparam largamente do tema. Mas, como mulher interessada em pesquisar a mulher do Rio Grande do Sul, a autora pretendeu ver em Jacobina sua condição de mulher, que envolve sua atuação como esposa, dona de casa e mãe. É assim que este trabalho procurou vê-la.

“Se outro fosse o panorama social da época, que ensejasse à mulher participação em outras espécies de atividades, ela poderia ter sido uma assistente social, uma líder política, uma filantropa, com o mesmo fervor que se entregou à pregação religiosa”, observa Domingues.

“Jacobina é um messias diferente. Em primeiro lugar, porque é mulher. Em segundo lugar, porque sua tragédia não se orienta pelos passos teorizados por Alphandéry. Boa esposa e boa mãe até o amargo fim (as lendas em contrário, Janaína Amado desmoralizou suficientemente), Jacobina muito lentamente emerge como líder carismática relevada a tanto pela exasperante pressão do meio”, como disse Antonio Augusto Fagundes em sua dissertação de mestrado.

Pobre mulher! Incompreendida, ridicularizada, injuriada, difamada, caluniada, perseguida e morta, mas fiel a si e aos seus até o último momento, sabendo que ia morrer e tentando poupar da morte os entes queridos.